

O GÊNERO TEXTUAL CAUSO: UM MODELO DIDÁTICO

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹
Patrícia Cardoso Batista²

RESUMO: O causo é um gênero textual que tem como função sócio comunicativa materializar a cultura popular brasileira, sendo importante instrumento para preservação e disseminação dessa cultura. Por este motivo, interessamo-nos em construir um modelo didático desse gênero, a fim de conhecê-lo e compreendê-lo em todas as suas especificidades: pragmáticas, semânticas e gramaticais. Para a construção do referido modelo didático, aplicamos, apoiados nos preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo, o método de análise de textos sugerido por essa corrente teórica. Os resultados encaminharão nosso trabalho de construção de sequências didáticas para o ensino desse gênero em sala de aula atendidas pelo subprojeto Letras/Português PIBID/UENP, campus Jacarezinho.

Palavras-chave: Gêneros textuais, causo, modelo didático.

THE TEXTUAL GENRE “CAUSO”: A DIDACTIC MODEL

ABSTRACT: The cause is a textual genre which has as its social communicative function materializes Brazilian popular culture, being an important tool for preservation and dissemination of culture. For this reason, we are interested in building a didactic model of this genre, in order to know it and understand it in all its specificities: pragmatic, semantic and grammatical. To construct the already mentioned didactic model, we apply, once supported on the precepts Sociodiscursive Interactionism, the method of texts' analysis suggested by this theoretical current, then, we obtained a teaching model of the genre cause, which will lead our work of constructing didactic sequences to the teaching of this type of text in the classrooms assisted by the subproject Letras/Português PIBID/UENP, campus Jacarezinho.

KEY WORDS: Text genres, “causo”, didactic model.

Introdução

O causo é um gênero textual que tem como função sócio comunicativa materializar a cultura popular brasileira, sendo, assim, importantíssimo instrumento para preservação e disseminação dessa cultura, e por este motivo nossa premissa é a de que o causo deve ser tomado como objeto de ensino nas salas de aula da educação básica. Também porque, de acordo com os documentos orientadores da prática pedagógica, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNS), um dos objetivos da escola é que os alunos possam:

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Doutora em Estudos da Linguagem.

² Graduanda do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Campus Jacarezinho

- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (BRASIL, 1998, p. 7-8)

Assim, interessamo-nos em construir um modelo didático do gênero textual *causo*, a fim de conhecê-lo e compreendê-lo em todas as suas especificidades: pragmáticas, semânticas e gramaticais, para que, em um segundo momento, tenhamos condições de elaborar sequências didáticas para o ensino desse gênero em salas de aulas dos sextos anos do ensino fundamental. Importante expor que essas ações, de elaboração de modelos e de sequências didáticas, estão integradas a nossa participação em um subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho.

O Subprojeto, denominado *Letras/Português*, tem como um de seus objetivos contribuir com os professores em formação do curso de Letras para uma ampla compreensão das bases teórico-metodológicas que constituem as diretrizes curriculares nacionais e das matrizes de referência para a educação básica, e, principalmente, conhecer como transpor didaticamente os diversos e diferentes gêneros textuais, entre eles, o *causo*.

Modelo didático

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem, de acordo com Machado e Cristovão (2006), em uma de suas vertentes, a didática, como objetivo mediar e materializar formas de ensinar. Nesse sentido, os pesquisadores do ISD (DOLZ, SCHNEUWLU, 2004; DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004) sugerem a elaboração de modelos didáticos e de sequências didáticas para o ensino de gêneros textuais, instrumentos que podem guiar as intervenções dos professores na sala de aula.

De acordo com Machado e Cristovão (2006), o procedimento a ser realizado para que o ensino dos gêneros aconteça, inicia-se com elaboração de materiais didáticos, que se concretizaria nos seguintes passos:

Primeiro passo: segundo Machado e Cristovão (2006), o professor separa um conjunto de textos exemplares do gênero que está interessado em tomar como objeto de ensino e aprendizagem e sobre o conjunto realiza uma análise, a fim de conhecer todos os elementos que

constituem o gênero. O resultado seria a obtenção de um modelo didático: uma ferramenta teórica que pode promover a compreensão do professor sobre todos os elementos que formam a especificidade do gênero. Para a referida análise o ISD, sugere que seja aplicado sobre o conjunto de exemplares do gênero o método de análise de textos (BRONCKART, [1999] 2009), o qual, sinteticamente, tem como procedimento a investigação e identificação: a) dos elementos que formam a situação comunicativa e a prática social da qual emerge o gênero; b) as condições de produção do gênero: parâmetros do mundo físico: emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido; parâmetros do mundo social e subjetivo: elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras; e conteúdo temático.; c) a arquitetura textual: o plano geral do texto, as sequências textuais e os tipos de discurso predominantes; os mecanismos de coesão nominal e verbal; mecanismos de conexão; e os mecanismos enunciativos.

De acordo com Bronckart (2009), o referido método pode ser utilizado para análise dos mais diversos gêneros existentes, proporcionando que as unidades e as estruturas próprias dos tipos de textos/discursos sejam detectadas e quantificadas, a fim de que seja possível a construção de modelos da estrutura e do funcionamento dos diferentes e diversos textos/discursos.

O modelo didático é a base para as próximas etapas do processo sugerido pelo ISD, que seria a elaboração de sequências didáticas, organizadas de acordo com a relação feita entre o gênero, suas características ensináveis e as capacidades de linguagem (capacidade de ação, discursiva e linguístico-discursiva) que se espera que os aprendizes desenvolvam (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006).

Importante ressaltar que a partir da teorização do que é um modelo didático realizada pelos estudiosos do ISD, Barros (2012) defende uma nova perspectiva de modelo, denominada de modelo teórico.

Para a construção do modelo didático, diferente do que se realiza em um modelo teórico, seria que, de acordo com Cristovão e Machado (2006), no modelo didático é preciso levar em consideração as capacidades de linguagem dos alunos em relação à prática de linguagem de referência, uma vez que o modelo serve para auxiliar o trabalho de ensino e aprendizagem do gênero. Já o modelo teórico, de acordo com Barros (2012), por não levar em consideração um contexto de ensino específico, ou seja, sua elaboração está desvinculada de uma situação escolar específica. Sendo, portanto, utilizado como ponto de partida para o processo de conhecimento profundo das características, especificidades em um gênero para objetivos diversos.

Segundo passo: Elaboração das sequências didáticas - sinteticamente, uma sequência didática é formada, segundo seus elaboradores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), da seguinte forma: Apresentação da situação, Primeira produção, Módulos, e Produção final.

A Apresentação da situação é o momento em que o professor expõe o gênero que será abordado - a quem se dirige o gênero, a forma que assumirá, e quem participará da produção; demonstra aos alunos a importância do conteúdo que eles aprenderão; fornece todas as informações necessárias para que os alunos conheçam o projeto comunicativo visado. Na primeira produção, os alunos elaboram um primeiro texto, oral ou escrito, de acordo com as instruções dadas, demonstrando o que entenderam sobre o gênero na apresentação da situação, evidenciando os pontos fortes e fracos, onde e como precisarão da intervenção do professor. Nos módulos serão trabalhados os problemas que aparecem na primeira produção, buscando soluções. O professor deve levar em consideração que cada aluno apresentará um problema, em níveis diferentes. Na produção final, os alunos põem em prática o que aprenderam, e como progrediram ao decorrer da aplicação da sequência, de acordo com as noções e instrumentos elaborados separadamente nos módulos, pois é nessa parte, que os alunos aprendem a falar sobre o gênero abordado, usando os conhecimentos adquiridos progressivamente, podendo ser avaliados pelo professor.

De acordo com Nascimento e Pereira (2009), as atividades e/ou tarefas que compõem as sequências didáticas, podem ser explicitadas no material dos alunos, enquanto outras só no manual do professor. Algumas podem ser propostas como opcionais, ou feitas oralmente, outras escritas, enquanto outras ainda, podem usar diferentes tipos de recurso como revistas trazidas pelos alunos, uma ida à biblioteca, uma pesquisa em casa, etc. Incluindo os conteúdos obrigatórios e os objetivos de aprendizagem específicos de acordo com um calendário pré-estabelecido.

O gênero caso: um modelo didático

Tomando como norte o método proposto pelo ISD, escolhemos alguns exemplares de casos publicados na íntegra no site de Rolando Boldrin *Vamos tirar o Brasil da gaveta*, disponível em: http://www.rolandoboldrin.com.br/vamos_tirar.asp, já transcritos, no referido site, da oralidade para a escrita. São cinco exemplares que formam, portanto, o *corpus* de nossa pesquisa: *A Galinha Americana*; *Por Falar em Eleição*; *Dito Preto e o guarda*; *Conversa dos*

bichos; O Roubo do Relógio. O passo a passo da aplicação do método de análise sobre esses cinco causos e os resultados encontrados expomos a seguir:

O gênero causo, segundo Gedoz e Costa-Hübes (2011), materializa, representa a cultura popular brasileira, as tradições difundidas oralmente pelo povo brasileiro, como posto no início deste trabalho. São histórias, geralmente, passadas de geração a geração, tendo assim grande valor cultural. Assim, a partir dos conceitos de Bakhtin (2003), Gedoz e Costa-Hübes (2011) classificam o causo como, originalmente, um gênero primário, já que ele pertence ao grupo dos gêneros narrativos da tradição oral, pois emerge de situações de comunicação verbais espontâneas e informais. Uma vez transposto para a escrita, adquire características dos gêneros secundários, por obedecer à uma maior complexidade da norma culta e dos elementos que compõem a modalidade escrita da língua.

De acordo com o agrupamento de gêneros sugerido por Doz, Noverraz e Schneuwly (2004), o causo pertence ao domínio social de comunicação da cultura ficcional literária, tem como capacidade de linguagem dominante o narrar fatos, ficcionais ou verídicos, do cotidiano, marcando uma construção textual espontânea.

Após a aplicação do método de análise de textos sugerido pelo ISD (BRONCKART, [1999] 2009), os elementos que compõem as condições de produção dos cinco exemplares analisados, estão sistematizados na Tabela 1 para uma melhor visualização:

Tabela 1: Os elementos que compõem o contexto de produção dos causos

Parâmetros do mundo físico	
Emissor físico	Pessoa física, concreta e real, que escreve o causo. De acordo com Gedoz e Costa-Hübes (2011), é considerado autor do causo aquele que o conta, o qual narra a história sem perder o fio narrativo, provocando o interesse dos ouvintes. No caso, o emissor físico dos cinco causos analisados é Rolando Boldrin.
Emissor social (papal social do emissor)	O papel que o autor do causo ocupa nessa situação comunicativa é o papel de participante da narrativa como um personagem/narrador ou testemunha dos acontecimentos. A intenção dessa inclusão do contador do causo na história que ele conta é dar cunho de verdade à história, por mais fantástica, insólita ou inacreditável que ela possa parecer. Rolando Boldrin começou sua carreira profissional como cantor, mas ficou conhecido em todo o Brasil também pelo seu enfoque às tradições regionais, à cultura popular do chamado caipira ou sertanejo, e como um contador de causos, papel social refletido nos causos que ele conta, conforme apontaremos mais adiante. E, sobretudo, é reconhecidamente um contador de causo por meio da história que construiu como tal: contou causos na televisão entre os anos de 1981 até 1984, na Rede Globo, no programa <i>Som Brasil</i> , depois no programa <i>Empório Brasileiro</i> , na Rede Bandeirantes, e, por um curto período de tempo, apresentou também <i>Empório Brasil</i> no SBT. Atualmente, Rolando Boldrin está apresentando o <i>Sr. Brasil</i> , pela TV Cultura de

	São Paulo-SP onde ainda conta causos, e também em seu blog: http://www.rolandoboldrin.com.br/ . Portanto, Rolando Boldrin tem um papel social, autoridade consolidada no que se refere a um contador desse gênero textual ³ .
Receptor físico	Leitor físico, concreto e real, aquele que recebe/lê o texto. No caso dos causos analisados, os receptores são os leitores do site que publicou os causos.
Receptor social (papel social do receptor)	Leitores que procuram por narrativas breves, humorística ou aterrorizante que valorizem a tradição popular regional. Esses interlocutores podem ser desde crianças até adultos.
Lugar físico de produção	Não existe um lugar específico para que o causo seja produzido, o autor pode criá-lo exatamente no momento de sua apresentação/contação, ou pode tê-lo elaborado anteriormente, em sua casa, em um lugar público, etc.
Momento de produção	É o momento histórico e real em que o texto é produzido - não consta no site a data de publicação dos 5 causos em específico. Portanto, eles podem ser contemporâneos ou produzidos já alguns anos, uma vez que Rolando Boldrin a décadas é contador de causos, como posto.
Objetivo da interação	O objetivo da interação seria expor e cultivar a cultura popular, os costumes de uma sociedade, explorando o riso, despertando, às vezes, o medo nos leitores, como uma forma particular de se contar um tipo de história.
Conteúdo temático	O conteúdo temático do gênero causo, de um modo geral, é marcado por retratar acontecimentos e costumes próprios de pessoas que vivem nas cidades do interior de certas regiões do Brasil, bem como do universo particular dos contadores. De forma específica, o tema tratado em cada um dos 5 causos é: <i>A Galinha Americana:</i> O personagem principal é Nhô Tico que resolveu criar galinhas americanas que botavam ovos maiores que as galinhas brasileiras. A galinha americana se exhibe para as outras só porque seus ovos são maiores e valem maior preço no mercado, só que as brasileiras ao invés de ficarem com inveja, riem do esforço da americana. <i>Por Falar em Eleição:</i> Genésio é um simpático baiano sem letras que resolveu se candidatar ao título de deputado. Nos seus discursos levava o público ao riso com seu modo de falar. Ao final ele perde as eleições. <i>Dito Preto e o guarda:</i> Dito comprou um caminhão sem para-choques, sem portas, carroceria podre, todo torto, pintura enferrujada. Quando é parado por um guarda, a coisa era tão séria que o guarda decide que era melhor fazer de conta que nem tinha visto aquilo e que Dito seguisse viagem. <i>Conversa dos bichos:</i> O menino Zequinha foi buscar na cidade o Padre Antônio, que estava iniciando sua temporada por lá, para levá-lo à fazenda rezar uma missa. Na viagem, o padre convence o menino que os animais conversam. <i>O Roubo do Relógio:</i> Conta sobre Justino, homem conhecido por roubar. Quando o relógio do João sumiu, logo suspeitaram que fosse Justino e o delegado pediu que arranjasse três testemunhas, para então prender o ladrão. Como ninguém havia visto o crime, Justino foi absolvido. Mas por não entender o que a palavra absolvido significava, acaba confessando e perguntando se teria que devolver o relógio.

³ Informações disponíveis em: Fonte: http://www.recantocaipira.com.br/rolando_boldrin.html. Acesso em 10/02/2015.

A respeito dos elementos que formam a arquitetura textual do causo, o plano geral, nesse caso em que os causos assumiram a forma escrita da língua, é formado por título e texto propriamente dito. Já se considerarmos o causo em versão oral, o título, geralmente, não é constitutivo do gênero, o contador vai logo dando início à história sem a necessidade de apresentar um título a ela.

Sobre os tipos de sequências, cada sequência textual constitui uma forma de composição, com uma função específica. Em geral um mesmo texto apresenta diferentes sequências (MARCUSCHI, 2005; CAVALCANTI, 2012). Na análise de nosso *corpus* foi reconhecida a sequência narrativa como a predominante, com a presença de sequências dialogais e descritivas.

De acordo com Cavalcanti (2012), a sequência narrativa tem o objetivo de manter a atenção do leitor/ouvinte em relação ao que se conta, relatando fatos, acontecimentos ou ações, sendo essa uma das principais características do gênero em questão. Constituída por cinco fases principais, que podem se suceder no texto, a saber: a fase da situação inicial (estado considerado equilibrado), a da complicação (introdução de uma perturbação), a das ações (acontecimentos desencadeados pela perturbação), a da resolução (introdução de acontecimentos que levam à efetivação da redução da tensão), e a da situação final (novo estado de equilíbrio conquistado pela resolução do conflito).

De forma a exemplificar a assertiva de que a sequência narrativa é a predominante nos causos, reproduzimos um deles *O Roubo do Relógio* com demarcações das fases que compõem a sequencialidade narrativa:

Tabela 2: A sequência narrativa no causo

<i>O Roubo do Relógio</i>	
Situação inicial	Naquele arraial do Pau Fincado, havia um sujeitinho danado pra roubar coisas. Às vezes galinha, às vezes cavalo, às vezes coisas miúdas. A verdade é que o dito cujo era chegado em surrupiar bens alheios. Todo mundo daquele arraial já estava até acostumado com os tais furtos. E a coisa chegou a tal ponto de constância que bastava alguém dá por falta de qualquer objeto e lá vinha o comentário: “Ah, foi o Justino Larápio”.
Complicação	E foi numa dessas que sumiu o relógio do cumpadi João, um cidadão por demais conhecido por aquelas bandas do Pau Fincado.
Ações	Foi a conta de sumir o relógio dele para o dito cujo correr pra delegacia mais próxima e dar parte do fato. O delegado pediu que o sêo João arranjasse três testemunhas para lavrar o ocorrido e então prender o tal ladrãozinho popular. Arranjar três testemunhas de

	<p>que o tal Justino havia surrupiado qualquer coisa era fácil, dado a popularidade do dito cujo pra esses afazeres fora da lei.</p> <p>A cena que conto agora transcorreu assim, sem tirar nem pôr. Intimado o Justino, eis ali, ladrão, vítima e três testemunhas:</p> <p>DELEGADO (para a primeira testemunha) – O senhor viu o Justino roubar o relógio do são João, aqui presente?</p> <p>TESTEMUNHA 1 – Dotô.Vê, ansim com os óio, eu num posso dizê que vi. Mas sei que ele é ladrão mêmô. O que ele vê na frente dele, ele passa a mão na hora. Pode prendê ele dotô!</p> <p>DELEGADO (para a segunda testemunha) – E o senhor? Viu o Justino roubar o relógio do são João?</p> <p>TESTEMUNHA 2 – Óia, dotô ...num vô falá que vi ele fazê isso, mas todo mundo no arraiaí sabe que ele róbamêmo, uai. Pode prender sem susto. Eu garanto que foi ele que robô esse relógio.</p> <p>DELEGADO (para a última testemunha) – E o senhor? Pode me dizer se viu o Justino roubar o relógio do são João?</p> <p>TESTEMUNHA 3 – Dotô, ponho a mão no fogo si num foi ele. Prende logo esse sem vergonha, ladrão duma figa. Foi ele mêmô!</p> <p>DELEGADO – Mas o senhor não viu ele roubar? O senhor sabe que foi ele, mas não viu o fato em si?</p> <p>TESTEMUNHA 3 – Num carece de vê, dotô! Todo mundo sabe que ele róba. Pode preguntá pra cidade intêra.Foi ele. Prende logo esse peste!</p>
Resolução	<p>DELEGADO (olhando firme para o Justino) – Olha aqui, Justino. Eu também tenho certeza de que foi você que roubou o relógio do são João. Mas, como não temos provas cabíveis, palpáveis e congruentes.... você está, por mim, absolvido.</p> <p>JUSTINO (espantado, arregalando os olhos para o delegado) – O que, dotô ? O que que o sinhô me diz? Eu tô absorvido???</p> <p>DELEGADO – Está absolvido.</p>
Situação final	JUSTINO – Quédizêintão que eu tenho que devorvê o relógio?

No caso da sequência descritiva, ela aparece no momento da caracterização dos objetos e pessoas, de modo objetivo ou subjetivo. Segundo Cavalcanti (2012), esse tipo de sequencialidade compreende quatro fases principais: a fase da ancoragem (em que o tema da descrição é assinalado de forma nominal ou tema-título), a da aspectualização (enumeração dos diversos aspectos do tema), e a de relacionamento (os elementos descritos são relacionados a outros, a partir de operações de caráter comparativo ou metafórico), e a de reformulação (retomada do tema). Exemplificação:

Tabela 3: A sequência descritiva no conto

<i>O roubo do relógio</i>	
Ancoragem	Naquele arraial do Pau Fincado, havia um sujeitinho danado pra roubar coisas.
Aspectualização	Às vezes galinha, às vezes cavalo, às vezes coisas miúdas.
Reformulação	A verdade é que o dito cujo era chegado em surrupiar bens alheios.

Complicação	E foi numa dessas que sumiu o relógio do cumpadi João, um cidadão por demais conhecido por aquelas bandas do Pau Fincado.
-------------	---

E a sequência dialogal se dá nos momentos de diálogo ou conversação entre os personagens do texto, organizando-se em três níveis: o de abertura (contato inicial entre os interlocutores), operações interacionais (interação verbal) e de fechamento (que encerra à interação) (CAVALCANTI, 2012). Exemplificação:

Tabela 4: A sequência dialogal no conto

<i>O Roubo do Relógio</i>	
Abertura	DELEGADO (para a primeira testemunha) – O senhor viu o Justino roubar o relógio do são João, aqui presente?
Operações interacionais	<p>TESTEMUNHA 1 – Dotô.Vê, ansim com os óio, eu num posso dizê que vi. Mas sei que ele é ladrão mêmo. O que ele vê na frente dele, ele passa a mão na hora. Pode prendê ele dotô!</p> <p>DELEGADO (para a segunda testemunha) – E o senhor? Viu o Justino roubar o relógio do são João?</p> <p>TESTEMUNHA 2 – Óia, dotô ...num vô falá que vi ele fazê isso, mas todo mundo no arraiá sabe que ele róbamêmo, uai. Pode prender sem susto. Eu garanto que foi ele que robô esse relógio.</p> <p>DELEGADO (para a última testemunha) – E o senhor? Pode me dizer se viu o Justino roubar o relógio do são João?</p> <p>TESTEMUNHA 3 – Dotô, ponho a mão no fogo si num foi ele. Prende logo esse sem vergonha, ladrão duma figa. Foi ele mêmo!</p> <p>DELEGADO – Mas o senhor não viu ele roubar? O senhor sabe que foi ele, mas não viu o fato em si?</p> <p>TESTEMUNHA 3 – Num carece de vê, dotô! Todo mundo sabe que ele róba. Pode preguntá pra cidade intêra.Foi ele. Prende logo esse peste!</p> <p>DELEGADO (olhando firme para o Justino) – Olha aqui, Justino. Eu também tenho certeza de que foi você que roubou o relógio do são João. Mas, como não temos provas cabíveis, palpáveis e congruentes.... você está, por mim, absolvido.</p> <p>JUSTINO (espantado, arregalando os olhos para o delegado) – O que, dotô ? O que que o sinhô me diz? Eu tô absorvido????</p> <p>DELEGADO – Está absolvido.</p>
Fechamento	JUSTINO – Quédizêintão que eu tenho que devorvê o relógio?

Sobre os demais elementos que compõem a narrativa do caso, destacamos o tempo e o espaço como basilares na composição desse gênero. O lugar do acontecimento narrado é, geralmente, mencionado pelo autor, e o tempo é referenciado com expressões como: “há muitos anos”, “quando eu era criança”, etc. Elementos que ajudam a contar o vivido ou o que foi ouvido pelo contador, ou são empregados para dar mais veracidade as histórias. (BATISTA, 2007). Em consonância com essa afirmativa, quatro dos cinco casos analisados apresentam explicitamente marcações de tempo. Por exemplo, no caso *Dito Preto e o guarda*, há uma

marcação do tempo que explicitamente é apresentado para que a histórica pareça mais real, pois o contador se lembra até do dia e da hora em que a história aconteceu: “*Aos sábados*, que era dia de folga do Dito – e é num desses dias em que se passa o nosso caso -, [...]Guarda: Boa tarde (*eram 6 da tarde*, que é hora de pescaria) ” (grifos nossos). E no caso *A galinha americana*, o contador descreve até mesmo o espaço de tempo em que o personagem realizava uma ação: “A americana se ajeita no ninho, fecha os olhinhos verdes e sonha com os States pra depois de uns *15 minutos* sair cantando e dançando uns passos de balé” (grifo nosso).

E sobre os espaços, nos cinco casos, esse elemento está bem demarcado. As histórias aconteceram ou em um ambiente rural ou em cidades interioranas, espaços esses muito característicos do gênero em estudo. Exemplos:

Tabela 5: Espaço como elemento da narrativa

Causo	Demarcação dos espaços nos contos: a história se passa...
<i>O roubo do relógio</i>	Em um arraial: “Naquele arraial do Pau Fincado, havia um sujeitinho danado pra roubar coisas”.
<i>Conversa dos bichos</i>	Em uma fazenda: “O Zequinha, menino de uns 10 anos de idade, era na fazenda do meu padrinho o que se pode chamar de “charrete boy”.
<i>Dito Preto e o guarda</i>	Em uma cidade do interior: “Quem nunca ouviu falar do Dito Preto lá da minha terra de veras não sabe nada de mim. [...] ...que está bem pertinho da nossa terrinha, que é São Joaquim da Barra, que foi onde eu e o Dito nascemos já faz um tempão”.
<i>Por falar em eleição</i>	No interior de São Paulo: “E, além de tudo, apesar de já morar em São Joaquim da Barra, estado de São Paulo, e já ter vivido e convivido com meus conterrâneos paulistas uns 36 anos, mesmo assim o nosso Genésio não perdia aquele sotaque de baiano da molésta”.
<i>A galinha americana</i>	Possivelmente o espaço seja uma propriedade rural já que a história se passa em um galinheiro.

Outro elemento que caracteriza a narrativa são os personagens, no caso, geralmente, os personagens são pessoas conhecidas do autor, ou também podem ser animais ou seres sobrenaturais, como lobisomens e assombrações, para que a história possa receber elementos cômicos ou trágicos (BATISTA, 2007). Nos casos analisados, os personagens protagonistas expressam, em quase todos eles, o modo de vida do homem que mora no interior, com suas características e linguagens próprios, e, sobretudo, o protagonista ou um outro personagem é sempre amigo, conhecido, parente do contador do caso, em decorrência essa construção dá mais veracidade à história. Exemplos:

Tabela 6: Os personagens como elemento da narrativa

Causo	O relacionamento do contador com os personagens
<i>O roubo do relógio</i>	O personagem João, que a vítima do assalto, é compadre do contador da história.
<i>Conversa dos bichos</i>	Zequinha é um menino que trabalhava na fazenda do padrinho do contador.
<i>Dito Preto e o guarda</i>	Dito Preto é quem contou a história para o contador porque era seu melhor amigo, e ainda Dito Preto nasceu na mesma cidade que o contador.
<i>Por falar em eleição</i>	O contador é narrador testemunha da história: “Me lembrei do Genésio só pra contar o tanto que era curioso o seu discurso nos palanques de lá
<i>A galinha americana</i>	Nhô Tico que tem uma criação de galinhas é compadre muito querido do contador.

Por constituir-se predominantemente pela sequência narrativa, o que corresponde ao fato do conteúdo temático dos causos se relacionar com fatos passados, de acordo com Bronckart ([1999] 2009), a organização do discurso acontece a partir de marcas de uma disjunção entre o mundo discursivo e as coordenadas que envolvem o emissor, o receptor, o lugar e o momento físico da produção do texto. E por isso, o discurso é da ordem do narrar. Também devido à disjunção, as ancoragens situam os personagens no espaço-tempo da narrativa, não sendo preciso situar o espaço-tempo da ação de produção do texto. Ocorre o que Bronckart ([1999] 2009) chama de autonomia. Contudo, considerando a afirmativa do autor, que toma como norte dos preceitos de Adam (1990)⁴, para a classificação dos tipos de discurso presentes em um gênero não se pode tomar apenas as formas linguísticas como base, visto que os recursos linguísticos estão entrelaçados às dimensões pragmáticas ou a atitudes de locução. Nesse sentido, o caso por trabalhar com conteúdos temáticos relacionados diretamente com o contador, conforme os exemplos a pouco apresentados, a organização do discurso acontece com elementos que mostram a conjunção entre o conteúdo e as coordenadas que envolvem aquele que conta história. Diz-se, assim, que o mundo discursivo está implicado à ação de linguagem, e, em decorrência o discurso é formado por recursos que marcam a interação (BRONCKART, ([1999] 2009), o contador por fazer parte da história, faz referências a si mesmo, ele é participante da história que ele conta, que é o que ocorre nos cinco casos analisados. Exemplos:

Tabela 7: Marcas do discurso interativo no caso

⁴ ADAM, Jean-Michel. *Éléments de linguistique textuelle*. Liège, Mardaga. 1990.

Causo	Marcas da participação do contador na história
<i>O roubo do relógio</i>	A cena que <i>conto</i> agora transcorreu assim, sem tirar nem pôr.
<i>Conversa dos bichos</i>	O Zequinha, menino de uns 10 anos de idade, era na fazenda do <u>meu</u> padrinho o que se pode chamar de “charrete boy”.
<i>Dito Preto e o guarda</i>	Quem nunca ouviu falar do Dito Preto lá da <i>minha</i> terra deveras não sabe nada de <i>mim</i> . Pois até hoje não <i>me</i> apareceu amigo.
<i>Por falar em eleição</i>	Sempre que chegava uma eleição, <i>me</i> vem uma saudade danada do Genésio, lá de São Joaquim.
<i>A galinha americana</i>	Nhô Tico era um cumpadimeu muito querido. <i>Vou</i> contar um causo muito engraçado com Nhô Tico,...

Sobre os mecanismos de textualização, destacamos a coesão verbal, a qual realiza-se pelos emprego dos tempos verbais que asseguram a organização temporal e hierárquica dos acontecimentos. A predominância no causo é o emprego do pretérito perfeito e imperfeito, o que se justifica diante do fato do contador narrar ações já ocorridas.

Tabela 8: Os mecanismos de textualização no causo

Causo	Marcas do emprego de verbos no tempo pretérito
<i>O roubo do relógio</i>	Naquele arraial do Pau Fincado, <i>havia</i> um sujeitinho danado pra roubar coisas. Às vezes galinha, às vezes cavalo, às vezes coisas miúdas. A verdade é que o dito cujo <i>era</i> <i>chegado</i> em surrupiar bens alheios.
<i>Conversa dos bichos</i>	O Zequinha, menino de uns 10 anos de idade, <i>era</i> na fazenda do meu padrinho o que se pode chamar de “charrete boy”. Na cidade tem o motoboy, não tem? Então! Nas fazendas tem – ou <i>tinha naquele tempo, que já vai longe</i> – o charrete boy.
<i>Dito Preto e o guarda</i>	Falo sobre este personagem real que <i>marcou</i> muito a minha vida porque vou contar <u>uma</u> <u>das</u> <u>suas</u> . O Dito <i>tinha comprado</i> um caminhãozinho ano 1928, Chevrolet, que <i>era</i> apelidado de “cabeça-de-cavalo”.
<i>Por falar em eleição</i>	Sempre que <i>chegava</i> uma eleição, <i>me</i> vem uma saudade danada do Genésio, lá de São Joaquim. Aliás, ele não <i>era</i> de lá, ele <i>era</i> do sertão da Bahia.
<i>A galinha americana</i>	Nhô Tico <i>era</i> um cumpadi meu muito querido.

E, no que se refere aos mecanismos enunciativos, destacamos as vozes: a do próprio contador, como demonstrado pela Tabela 7, assumindo, como define Bronckart ([1999] 2009), a responsabilidade do que é enunciado; e a de personagens, o que ocorre nos cinco causos analisados.

Considerações finais

Como resultado da aplicação do método de análise de textos sugeridos pelo ISD aos cinco exemplares do gênero causo conhecemos todos os elementos que formam as especificidades do gênero, quais sejam: a) situação comunicativa e prática social: o causo são histórias, ficcionais ou verídicas, passadas de geração a geração, originárias da oralidade, tendo grande valor cultural, pois materializam, divulgam e preservam a cultura popular de uma região ou do Brasil; b) condições de produção: o autor de um causo é, geralmente, aquele que o conta, assumindo um papel social de um dos personagens ou do narrador da história ou até mesmo de testemunha dos acontecimentos; os receptores se caracterizam por serem pessoas interessadas em narrativas breves, humorísticas ou aterrorizantes e que valorizam a tradição popular; o causo pode não exigir um lugar físico e um momento específico para ser produzido, o objetivo da interação é expor e preservar a cultura popular, os costumes e as histórias de um povo, por este motivo o tema se integra ao fato de retratar acontecimentos e costumes próprios de uma comunidade, geralmente, do interior do país; c) arquitetura interna: o causo escrito é formado em seu plano geral por título e texto propriamente dito, quando contado na oralidade não apresenta o título; a sequência narrativa é a predominante, com a presença de sequências dialogais e descritivas, com destaque ainda para o tempo, o espaço e uma marcante caracterização dos personagens como elementos basilares na composição do gênero; a organização do discurso é da ordem do narrar, com a presença de recursos que marcam a interação; a coesão verbal realiza-se pela predominância do pretérito perfeito e imperfeito, o que se justifica diante do fato do contador narrar ações já ocorridas; e sobre os mecanismos enunciativos, as vozes que mais se destacam são a do próprio contador e a dos personagens.

Dessa forma, todos esses elementos serão tomados como conteúdo da sequência didática a ser elaborada para trabalho em sala de aula pela equipe do subprojeto PIBID/UENP Letras/Português-CJ, para o ensino do causo em salas de aula do 6º ano do ensino fundamental atendidas pelo projeto. Além disso, esperamos que tais resultados possam contribuir com outros professores da educação básica interessados em tomar este gênero como objeto de pesquisa e ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mickail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. *Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2012.

BATISTA, Gláucia Aparecida. *Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.

BOLDRIN, Rolando. *Vamos tirar o Brasil da gaveta*. Disponível em: <<http://www.rolandoboldrin.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. [1999] *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: Educ, 2009.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.

GEDOZ, Sueli; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. O gênero discursivo causos: reflexões sobre sua caracterização a partir da teoria bakhtiniana. *Travessias*, Cascavel/PR, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2011.

MACHADO, Anna Raquel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v.6, n.3, p. 547-573, set./dez. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, M.A. *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

PEREIRA, Liliane; NASCIMENTO, Elvira Lopes. O artigo de opinião como ferramenta de aprendizagem e avaliação de vestibulandos. *Anais... Maringá*. CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá, 2009, p. 1607-1620.

Recebido em: 09 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 15 de junho de 2016.